

## VISÃO

A LUÍS DE ALVARENGA PEIXOTO

Vi de um lado o Calvário, e do outro lado  
O Capitólio, o templo-cidadela.  
E torvo mar entre ambos agitado,  
Como se agita o mar numa procela.

Pousou no Capitólio uma águia; vinha  
Cansada de voar.  
Cheia de sangue as longas asas tinha;  
Pousou; quis descansar.

Era a águia romana, a águia de Quirino;  
A mesma que, arrancando as chaves ao destino,  
As portas do futuro abriu de par em par.  
A mesma que, deixando o ninho áspero e rude,  
Fez do templo da força o templo da virtude,  
E lançou, como emblema, a espada sobre o altar.

Então, como se um deus lhe habitasse as entranhas,  
A vitória empolgou, venceu raças estranhas,  
Fez de várias nações um só domínio seu.  
Era-lhe o grito agudo um tremendo rebate.  
Se caía, perdendo acaso um só combate,  
Punha as asas no chão e remontava Anteu.

Vezes três, respirando a morte, o sangue, o estrago,  
Saiu, lutou, caiu, ergueu-se... e jaz Cartago;  
É ruína; é memória; é túmulo. Transpõe,  
Impetuosa e audaz, os vales e as montanhas.  
Lança a férrea cadeia ao colo das Espanhas.  
Gália vence; e o grilhão a toda Itália põe.

Terras d'Ásia invadiu, águas bebeu do Eufrates,  
Nem tu mesma fugiste à sorte dos combates,  
Grécia, mãe do saber. Mas que pode o opressor,  
Quando o gênio sorriu no berço de uma serva?  
Palas despe a couraça e veste de Minerva;  
Faz-se mestra a cativa; abre escola ao senhor.

Agora, já cansada e respirando a custo,  
Desce; vem repousar no monumento augusto.  
Gotejam-lhe inda sangue as asas colossais.  
A sombra do terror assoma-lhe à pupila.  
Vem tocada das mãos de César e de Sila.  
Vê quebrar-se-lhe a força aos vínculos mortais.

Dum lado e de outro lado, azulam-se  
Os vastos horizontes;  
Vida ressurgue esplêndida  
Por toda a criação.  
Luz nova, luz magnífica  
Os vales enche e os montes...  
E além, sobre o Calvário,  
Que assombro! que visão!

Fitei o olhar. Do píncaro  
Da colossal montanha  
Surge uma pomba, e plácida  
Asas no espaço abriu.  
Os ares rompe, embebe-se  
No éter de luz estranha:  
Olha-a minha alma atônita  
Dos céus a que subiu.

Emblema audaz e lúgubre,  
Da força e do combate,  
A águia no Capitólio  
As asas abateu.  
Mas voa a pomba, símbolo  
Do amor e do resgate,  
Santo e apertado vínculo  
Que a terra prende ao céu.

Depois... Às mãos de bárbaros,  
Na terra em que nascera,  
Após sangrentos séculos,  
A águia expirou; e então  
Desceu a pomba cândida  
Que marca a nova era,  
Pousou no Capitólio,  
Já berço, já cristão.

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 31-34.]

Editor: José Américo Miranda.